

## Conversa com o Vento



Cinco horas da manhã.  
Sou acordado pelo vento,  
ele a tudo balança!  
A tudo sacode,  
vento violento,  
chifres de bode.

Na varanda os vasos dançam  
martelando o chão, por todo canto,  
ruídos, sacolejos,  
sacos plásticos voam  
no interior da caixa do ar-condicionado.

Vento alucinado,  
por ele sou despertado.  
Subitamente ele cessa.  
Tudo então se faz silêncio,  
um galo canta ao longe, lá no morro.  
Mas logo ele recomeça,  
violento, como é violento este vento!

Minha mulher não está na cama,  
saiu por causa do vento;  
lá fora ele se agita.  
Ele silva, siiiiiilllva...me chama,  
me espanta.  
Será Deus me chamando? Sois Vós?  
Ele silva logo, confirmando,  
silva, siiiiiilllva!  
Continua silvando.

Os quadros balançam na parede.  
Nas fachadas do edifício sinto seu abraço.  
Parece uma enorme serpente.  
Deus, sois Vós?  
Pergunto eu.  
A fúria do vento é um sim?  
Não?  
Existis? Ou não?

Sois como o ovo?  
Perfeito?  
Nietzsche disse que não existis,  
o que apenas é uma prova de que existis.  
Se não, como dizer que não?  
Não é?

È verdade então.  
Não se pode dizer que algo não existe,  
se, realmente, não existisse;  
sois como o Ovo de Clarice,  
é assim que podemos afirmar que Vós existis.  
Não Vos preocupeis, não Vos quebrarei para comer.  
Não se come uma metáfora.  
Não tem substancia.

Como poderíamos, de fato, falar da inexistência,  
de algo que, realmente, nunca existiu?  
Uma total impossibilidade.  
A afirmação de Vossa não existência,  
apenas confirma Vossa existência;  
é uma prova de que existis.  
Como poderíamos imaginar algo que não existe,  
se aí Vós estais?  
Na imaginação!  
No pensamento!  
No vento.  
É tão óbvio.

Minha mulher retorna,  
toda a casa acorda.

Ela tenta dormir. Em vão.  
Vento assim, não dá trégua não.  
Penetra em cada vão.

Na varanda os vasos estão deitados.  
Alguns rachados.  
Um pouco de terra preta, suja a cerâmica do piso.  
O saco plástico sacode na caixa.  
Sinto-o como serpente,  
silvando, silvando,  
se enroscando no edifício.

Penetra todas frestas, por tudo passa.  
Se acelera, siillva, sacode as portas.  
Sois Vós, não sois? Sei que sois.  
Pai eterno espírito divino sacro santo.  
Me assustais.  
Me alegre,  
me espanto.

Subitamente, tudo é paz.  
Silêncio.  
Quietude.  
Mas logo se desfaz.  
Sois Vós, não sois, Pai?  
Vós respondeis que sim:  
um ar mais frio penetra,  
passa pelo meu rosto.  
Me acaricia.

A primeira buzina,  
mais um pouco e essa noite termina.  
Tu, Vento, não cessas. Continuas.  
O galo canta outra vez.  
Final de noite, final de mês,  
e o vento recomeça.  
Na verdade não havia parado,  
tornara-se tão brando,  
quase silenciado.

Uma moto passa na auto-estrada,  
rasgando a madrugada.  
O galo canta outra vez,  
é a terceira vez,  
desde que me acordaste.  
Agora já são seis.

Seis e quatro. Para ser mais exato.  
Seis e quatro são dez.

Dez é um. Um sois Vós.  
Um é tudo, pois, se não fôsseis um,  
não seríeis tudo,  
seríeis dois ou três.  
Ou infinito,  
mas tudo,  
é somente um.

Não existe todos,  
só se diz: tudo, é no singular.  
Tudo, é um só.  
Sois singular.  
Sois uma singularidade.  
Eu sou um, ao mesmo tempo que sou mil,  
mil dúvidas eu tenho,  
mil seres me habitam.

Então foi para isto que me acordaste?  
Está claro.  
O dia está claro.  
Terra, globo que gira.  
Como gira!  
Gira em torno de si mesma,  
Gira em torno da luz, da estrela.  
Do Sol.  
Mais um dia começa.

Mais meia-volta daremos,  
até que outra noite caia.  
Viste, Vento?  
Até a noite cai!  
Tu não.  
Sobes desces cresces aumentas desapareces.  
Como pode?  
Porque Vós quereis?  
Tudo é porque Vós quereis.

Eu quero.  
Eu gosto da vida,  
eu saúdo o dia.  
Bendita luz que nos ilumina.  
Bendito vento,  
bendito dia.

Vento, Vento, continuas ventando.  
Estás me chamando?  
As vezes chamo por ti.  
Peço tua força,  
mesmo quando aqui não estás.

Mas hoje estás.  
E eu? Também estarei?  
Isso eu não sei.  
Tu estarás, para sempre,  
seja na minha manhã,  
seja no extremo do universo,  
tu estarás.

Mas eu, eu não sei.  
Onde estarei?  
De algum lugar ou nada, eu vim,  
para algum lugar ou nada, então retornarei.  
Disso eu sei, exatamente disto:  
que não sei.

Vento, Vento, te acalmaste.  
Meu coração também.  
Luz, minha luz, luz das estrelas,  
luz do dia, vento, espírito, Pai, Mãe, Deus!  
Dêem-me força para continuar.  
Paz, e amor para agradecer, porque,  
mesmo que eu não entenda o porquê,  
é bom ser.

Como é bom sentir o ar entrando fresco nos pulmões!  
Como é bom existir!  
Tu, Vento, também penetraste no meu coração.

Na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro,  
no bairro de São Conrado.

Vento, Vento, tu hoje foste meu alento.  
A ti me entreguei, foste meu alimento.  
Rogo por ti, rogo por Vós;  
obrigado, Deus, obrigado, Vento.